

LEVANTAMENTO E LEITURA ICONOGRÁFICA DOS FRESCOS ROMANOS DE MIRÓBRIGA VISÍVEIS *IN SITU* NO ANO 2000

por

M. Augusta Rosário*, F. Lourenço Duarte*
& M. Justino Maciel**

Referenciadas desde o séc. XVI, as Ruínas da sede da *Ciuitas* dos Mirobrigenses que se cognominavam de Célticos, como se lhes refere Plínio-o-Velho¹, foram objecto de escavações nos inícios do séc. XIX, pelo Pe. Bonifácio Gomes de Carvalho, por indicação do Bispo D. Manuel do Cenáculo², e a partir dos anos quarenta do séc. XX, pelo Dr. João Gualberto da Cruz e Silva³, pela Dr.^a Maria de Lourdes da Costa Artur⁴, pelo Professor D. Fernando de Almeida⁵ e, após o falecimento deste em 1979, entre 1981 e 1986, por uma equipa luso-americana coordenada pelos Professores W. R. Biers, da Universidade do Missouri-Colúmbia e Olívio Caeiro, da Universidade de Évora⁶. Actualmente, as Ruínas continuam em escavação, estudo, consolidação e valorização do seu Património sob a responsabilidade da Dr.^a Filomena Barata, do IPPAR⁷.

É grande, a vários níveis, o interesse deste complexo arqueológico, de que actualmente se destacam, para além do Circo, mais retirado, três núcleos fundamentais: o civico-religioso, com templos, *forum* e *tabernae*, o habitacional, com pequenas *domus* e mesmo *insulae*, e o termal, com dois *balnea* construídos um junto do outro, um o de Este, construído

* Estudante de Mestrado em História da Arte.

** Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

¹ *Naturalis Historia*, IV, 22: *Mirobricenses qui Celtici cognominantur*.

² Cód. CXXVIII, 1, 14, Biblioteca Pública de Évora.

³ João G. da Cruz e Silva, Apontamentos e considerações sôbre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos Concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira, in *Arquivo de Beja* (Beja) 2 (Fasc. III e IV (Julho-Dezembro) 1945) 291-299 e 3 (Fasc. III e IV) Julho-Dezembro (1946) 336-351.

⁴ Durante alguns meses (1954-55), segundo D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, Junta Distrital, 1964, p. 8. M. Lourdes Costa Arthur, *Meróbriga, Santiago do Cacém, in Caesaraugusta* (Saragoza) 57-58 (1983) 51-109.

⁵ Desde 1959. D. Fernando de Almeida, *op. cit.*

⁶ William R. Biers (ed.), *Mirobriga: Investigations at an Iron Age and Roman Site in Southern Portugal by the University of Missouri-Columbia*, 1981-1986, BAR International Series 451, Oxford, 1988.

J. Caeiro, Santiago do Cacém, Miróbriga, 1982, in *Informação Arqueológica* (Lisboa) 5 (1985) 128-129.

⁷ M. Filomena Barata, *Miróbriga: Urbanismo e Arquitectura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Policopiada, Porto, 1997.

no séc. I e o outro, o de Oeste, do séc. II d. C.⁸, numa articulação urbana recentemente estudada por Filomena Barata⁹. Há actualmente decoração pictórica a fresco, passível de registo e interpretação, em todas estas três zonas.

As primeiras referências a pinturas parietais em Miróbriga são de Cruz e Silva, que as encontrou nas Termas de Oeste¹⁰. D. Fernando de Almeida, que nos deixou já visíveis os frescos da *taberna*, apenas publicou uma foto com fragmentos de estuque pintado e algumas referências genéricas a pinturas nos outros locais¹¹. Foram já descritas pela equipa luso-americana as pinturas do *frigidarium* das Termas de Este num estudo iconográfico com publicação final¹². Do mesmo modo, as pinturas da sala três do pequeno complexo que tem sido classificado de *taberna/stabulum* foram objecto de um primeiro levantamento gráfico e estudo iconográfico¹³. Da sala sete da mesma estrutura foi levantada em 1982, depois de ter estado desde 1963, com as restantes pinturas da *taberna*, sem qualquer cobertura ou protecção¹⁴, uma superfície com fresco que depois foi transferida para o Museu de Santiago do Cacém, onde nesta data se encontra ainda em restauro e em fase preparatória de apresentação museológica.

Foi-nos possível proceder a um estudo académico das pinturas a fresco actualmente visíveis *in situ* em Miróbriga. Descreveremos cada um dos conjuntos pictóricos isolada-

⁸ Jorge de Alarcão, *Roman Portugal*, II, 3, Warminster, 1988, p. 173.

⁹ F. Barata, *op. cit.*

¹⁰ J. G. Cruz e Silva, *op. cit.*, 3 (Fasc. III e IV) Julho-Dezembro (1946) 346: *Por cima do lambris que revestia todas as paredes das salas, o reboco era pintado às listas de diversas côres, destacando-se o azul, o laranja, o verde e o mescla.*

¹¹ F. Almeida, *op. cit.*, p. 24: *À direita do caminho que conduz ao Castelo Velho foram escavadas quatro casas (fig. 6, nº. 3); construídas no declive, apresentam-se em dois planos. Uma delas, a primeira, era interiormente revestida, na sala mais alta, por estuque branco pintado a fresco com desenhos geométricos de traço encarnado escuro e amarelo (fig. 67). Os fragmentos são tão pequenos que não pudemos reconstruir o suficiente para termos uma ideia de conjunto. Apareceu ali um médio bronze de Trajano.*

Idem, p. 30: *No Forum, na Casa do lado Norte, a primeira divisão (a seguir à escala do patamar do Templo de Esculápio) não tem porta: abre directamente para o pórtico e tem um lambrim de estuque com sinais de ter sido pintado.*

Idem, p. 35: *Nas termas Oeste, nas paredes havia frescos, de que restam pequenas amostras em tom vermelho.*

Idem, p. 61: *Nas casas a Sul do caminho de acesso ao Castelo Velho e nas do lado Norte do mesmo caminho, igualmente apareceram vários fragmentos de frescos. Também junto à terceira muralha foram encontrados, profundamente, restos de frescos. Todas estas pinturas são muito simples: ou traçados geométricos (fig. 67), ou hastes desenrolando-se de forma arbitrária. As cores são o encarnado pompeiano, o cinzento azulado e o amarelo. Não conseguimos reconstituir uma superfície suficientemente ampla, embora os fragmentos se contem por muitas dezenas de exemplares.*

¹² William R. Biers (ed.), *op. cit.*, pp. 3, 88-98 e 230-234. Foi seguido neste trabalho a nomenclatura lexical proposta por N. Davey and R. Ling, *Wall-painting in Roman Britain*, Gloucester, 1982 (Idem, p. 91).

¹³ David Soren, The CasteloVelho, in W.R. Biers *et alii*, Mirobriga, The 1983 Season, in *Muse* (Missouri-Columbia) 17 (1983) 59-62.

Janina K. Darling, Charles Miksicek, David Soren, Studies of material from Mirobriga, Wall Frescoes, in W. R. Biers *et alii*, Mirobriga: A Portuguese-American project in Southern Portugal, in *Muse* (Missouri.Columbia) 18 (1984) 48-51.

¹⁴ D. Soren, The Forum Area, in W. R. Biers *et alii*, Excavations at Mirobriga, The 1982 Season, in *Muse* (Missouri-Columbia) 16 (1982) 38 e 43 (nota 7). Segundo o autor, p. 38, os trabalhos de salvamento destas pinturas foram coordenados por Margaret Craft, do Department of Conservation of the Winterthur Museum.

mente, com uma tentativa de leitura de conjunto a modo de conclusão. Queremos agradecer à Dr.^a Filomena Barata e colaboradores actualmente responsáveis por esta estação arqueológica pelo apoio concedido à realização deste estudo. Agradecemos também a colaboração da Dr.^a Maria João Belchior na fotografia e, particularmente, ao Arqto. Samuel Duarte, pelo trabalho desenvolvido com os modelos tridimensionais.

CASA OESTE

Nas três paredes que restam de um compartimento pertencente à chamada Casa Oeste escavada, no período de 1981-86 atrás citado, pelo Professor Olívio Caeiro, no contexto e sequência do estudo de outras casas ou compartimentos escavados já por D. Fernando de Almeida¹⁵, vemos hoje, consolidados em 1995, frescos com pinturas de carácter geométrico. A parede maior, voltada a Sul, mede de comprimento 6,52 m e tem actualmente a altura de 83 cm. As outras duas, fazendo ângulo com a primeira, estão destruídas nas suas extremidades Sul, medindo a parede do lado Este 3,74 m e 80 cm e a Oeste 2,96 m e 40 cm, respectivamente de comprimento e de altura. Resta nas três paredes apenas decoração na zona inferior.

Observamos um sistema de decoração alternada de rectângulos imitando *crustae* marmóreas. Uns, mais estreitos e dispostos na vertical, medindo 50X65 cm, apresentam pinceladas a imitar venado de cor cinzento claro (Cailleux M73, Munsell 2,5 Y 7/0)¹⁶, os outros, mais largos e dispostos na horizontal, reportando-se à imitação das técnicas do *opus sectile*, com losangos inscritos em sete contornos concêntricos marcando alternância de cores tendo ao centro, inscrita em círculo de 15 cm de diâmetro, uma roseta com quatro pétalas e outras tantas sépalas ou bifólios intersticiais¹⁷.

Os losangos inscritos, com diagonais de 100X65 cm, alternam, por sua vez, as cores de branco e de vermelho escuro (Cailleux T11, Munsell 10 R 3/3), na seguinte sequência: cantos triangulares a vermelho, losangos a branco, círculos interiores a vermelho, cores que se invertem no rectângulo com losango seguinte e assim sucessivamente. Os enquadramentos dos rectângulos são efectuados por filetes que variam entre os 0,7 e 1 cm de espessura. Os seis contornos concêntricos dos losangos, por sua vez, são marcados alternadamente por filetes de 0,5 a 1 cm e por orlas de 1 a 1,4 de espessura, preenchidos também alternadamente a vermelho ou a branco. Este sistema decorativo assenta aqui directamente na linha do pavimento, sem plinto ou simples banda ou cercadura. Por restos de pigmento na parede lateral Este, é possível reconstituir uma banda de separação da destruída pintura da zona média, banda essa com a espessura de 12 cm.

Tendo em conta os paralelos próximos de Tróia de Setúbal, onde esta linguagem pictórica surge também num espaço que parece pertencer a um ambiente doméstico¹⁸, bem como de Mérida, nas Casas del Anfiteatro e del Mitreo, designadamente na Sala do Mo-

¹⁵ Vide notas nº 6 e 11.

¹⁶ A. Cailleux, *Notice sur le code des Couleurs des Sols*, Boubée, s/l, s/d. Munsell, *Soil colour charts*, Baltimore, 1973.

¹⁷ Estas sépalas poderão, eventualmente, ser aparentes. Poderiam pertencer a um maior contorno das pétalas que, perdendo pigmento ao longo dos tempos, ficaram limitadas às manchas interiores.

¹⁸ M. Justino Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996, p. 236-237 e figs. 71-72 e 89 a.

saico Cósmico desta última¹⁹, e, de mais longe, da *Villa* de Santa Colomba de Somoza, León²⁰, a tipologia cronológica parece característica dos meados ou segunda metade do séc. II d.C. O jogo simétrico das formas geométricas e o recurso ao dinamismo dos losangos nas zonas inferiores sublinham esta relação.

FRIGIDARIUM DOS BALNEA ESTE

No complexo termal de Miróbriga permanecem *in situ* alguns revestimentos parietais nas três paredes superiores que circundam em U o tanque do *frigidarium*, correspondente ao compartimento nº. 14 dos *balnea* do lado Este. Foram consolidados em 1984 e 1985²¹. As duas paredes laterais medem 3,64 m e a frontal, no lado oposto aos degraus do tanque, 4,23 m. Restam apenas pigmentos permitindo reconstituições em parte desta última e no correr de toda a parede à esquerda da entrada para o tanque, indicando decoração de uma zona inferior com plinto e restos da zona média. No enchimento do tanque foram encontrados, nas escavações de 1983, fragmentos de estuque com pigmentos vermelho, branco, amarelo, cinzento e verde, esta última cor associada à representação de losangos²², permitindo aos escavadores propor uma reconstituição da zona superior²³. A exposição ao sol e à chuva durante anos até se conseguir a actual protecção, assim como o alto grau de humidade provocado pelo depósito de água no tanque com as chuvadas de inverno explicam a deterioração das pinturas, revestindo-se assim de uma maior importância o estudo de pormenor efectuado pela Universidade do Missouri em 1981-86²⁴.

A pintura do plinto é caracterizada, sobre o fundo branco da última camada de estuque, pela representação de pedras de mármore em cinzento claro (Cailleux M73, Munsell 2,5 Y 7/0) com venado da mesma cor, mas mais denso (Cailleux M31, Munsell 7,5 R 7/0), imitando *opus quadratum* em fiadas dispostas de peito.

Da zona intermédia, minuciosamente descrita por W. Biers²⁵, restam hoje apenas manchas de pigmento amarelo avermelhado (Cailleux N65, Munsell 7,5 YR 7/6) ou vermelho escuro (Cailleux T11, Munsell 10 R 3/3)²⁶ e também algum pigmento cinzento claro indicativo de filetes horizontais na parede esquerda e filetes horizontais e verticais na parede frontal, fazendo o enquadramento exterior e interior de painéis, assim como bandas vermelhas de contorno suficientes para propor a reconstituição de um sistema de composição paratáctica, na zona média, de rectângulos com a mesma largura das fiadas da zona inferior, embora não seja possível determinar a sua altura. Também não conseguimos determinar hoje com clareza se havia alguma figuração dentro destes ortostatos da zona

¹⁹ L. Abad Casal, *Pintura romana en España*, I, Sevilla, 1982, pp. 47-55 e 70 e II, pp. 21, 26-28 e 53, figs. 29,39,40, 41, 42 e 90.

²⁰ Idem, I, pp. 143-144 e II, p. 102, fig. 213.

²¹ W.R.Biers (ed.), *Mirobriga: Investigations...*, *op. cit.*, p. 91.

²² W. Biers e Jane Biers, *The Bath Complex*, in *Muse* (Missouri-Columbia) 17 (1983) 52.

²³ W. R. Biers (ed.), *Mirobriga: Investigations...*, *op. cit.*, pp. 93-96 e p. 341, fig. 196.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem, pp. 92-93

²⁶ Em W. R. Biers, idem, p. 230, é apresentada uma maior variabilidade de cores: amarelo: Munsell 10 YR 7/8 e 10 YR 7/6. Amarelo castanho: 10 YR 5/8. Vermelho: 10 R 5/8. Vermelho escuro: 10 R 3/3. Cinzento claro: 5 YR 7/1 e 2,5 Y 7/1 e variantes próximas.

média, para além dos raiados de cor vermelha ou amarela que, no todo, pintalgavam, alternadamente, os seus fundos amarelos ou vermelhos²⁷.

A separação entre o plinto e a zona média é efectuada por uma banda vermelha contínua horizontal de 5,5 cm, por uma orla branca de 2,7 cm e por um filete de cor cinzenta de cerca de 1,3 cm de espessura, este envolvente das fiadas do plinto. Verticalmente, estas são separadas entre si também por bandas verticais vermelhas de 3,2 cm de espessura ligadas à banda horizontal também de cor vermelha atrás referida e mais estreitas que esta. Estas bandas são contornadas por orlas brancas que variam entre 1,3 e 1,7 cm de espessura. Este tipo de decoração compartimentada ajusta-se ao comprimento total das paredes, pressupondo um planeamento prévio do comprimento das fiadas e subsequente alçado dos ortostatos.

A construção pictórica e modular que nos é indiciada pelos restos de pigmentos encontra muitos paralelos no mundo romano, sobretudo em épocas tardias. É aqui flagrante a semelhança com soluções decorativas que vemos nas pinturas da relativamente próxima Tróia de Setúbal, onde na chamada *Aula/Basilica* se recorre ao esquema decorativo das fiadas marmóreas²⁸. Em Miróbriga, todavia, a construção esquemática revela uma maior preocupação de equilíbrio geométrico, com as fiadas e painéis em sequência linear. Sabemos que é na época tetrárquica que se assiste a uma intensificação e mesmo recuperação da linguagem pompeiana dos venados, agora displicentemente lançados como sarrabiscos ou garatujas²⁹, de que vemos um exemplo no *Cenatorium* de Éfeso, de cerca de 300 d.C.³⁰ Parecendo a primeira fase destes *balnea* de Este justamente datada do período flaviano, tendo em conta, entre outras razões, a descoberta de cerâmica desta época datando uma primitiva parede da sua Sala n.º 10³¹, a maior parte dos elementos de datação explícitos são, porém, do séc. III-IV d.C., seja na Sala n.º 10³², seja na Sala n.º 14³³, isto é, no próprio tanque do *frigidarium* em cujas partes superiores se encontram estas pinturas. Apenas uma canalização da sala n.º 12 ou *apodyterium* documentou cerâmica de cronologia entre 120 e 180 d.C.³⁴ Outra canalização na Sala n.º 10 deixou de funcionar nos sécs. III-IV d. C.³⁵ Tudo isto revela continuidades, reformulações e uso destas termas até à Antiguidade Tardia, com novos rebocos, totais ou parciais, que nos levariam a propor a localização cronológica destas pinturas do *frigidarium*, com base em alguns paralelos iconográficos, na época tetrárquica. Todavia, a disparidade que assim constataríamos no todo pintado de Miróbriga, e o facto de, no recurso aos painéis na zona média, se registar uma maior proximidade com esse todo, levam-nos a deixar em aberto esta questão.

²⁷ Idem, p. 92: painéis de fundo vermelho com salpicos de cor branca imitando pórfiro alternando com outros de fundo amarelo com reticulado vermelho formando rosetas.

²⁸ M. Justino Maciel, *op. cit.*, p. 242 e fig. 76.

²⁹ R. Ling, *Roman Painting*, Cambridge, 1991, p. 192.

³⁰ Idem, fig. 211.

³¹ Jane C. Biers, *The Bath Complex at Mirobriga*, 1984, in W. Biers *et alii*, *op. cit.*, in *Muse* (Missouri-Columbia) 18 (1984) 46-47.

³² Idem, p. 45.

³³ *Ibidem*. W. Biers propõe uma *redescrição* desta “Sala” n.º 14 na *segunda metade do séc. II, ou mais tarde* (p. 96), coincidindo com o segundo período de construção da sala n.º 12.

³⁴ W. Biers e Jane Biers, *The Bath Complex*, in W. Biers *et alii*, *op. cit.*, in *Muse* (Missouri-Columbia) 17 (1983) 51.

³⁵ Idem, p. 50.

TABERNA/STABULUM

As pinturas que estudámos nesta zona encontram-se em duas paredes de um compartimento com as dimensões de 4,40X3,70 m, actualmente com a altura máxima de 1,28m, subsistindo ainda alguns restos de pigmentos noutra parede, embora sem qualquer indicação que permita descortinar esboços decorativos. Trata-se do compartimento identificado como n.º 3 do conjunto arquitectónico que tem sido interpretado como *taberna/stabulum*³⁶, embora pela planta de conjunto se revele mais como uma *domus* distribuída em torno de um *atrium*. A tipologia decorativa das paredes Norte (lado maior) e Oeste (lado menor) do compartimento n.º 3 é idêntica, apresentando, porém, diferenças que justificam a sua descrição em parágrafos distintos.

PAREDE OESTE

A que contém pintura que nos parece melhor elaborada e mantém mais elementos identificativos é a parede Oeste, que só apresenta pigmentos em 2,62 m da sua extensão, indicativos de decoração na zona média, com um sistema compositivo paratáctico de painéis ortostáticos, e na zona inferior, esta de grande interesse decorativo e com riquíssimas informações, composta de três registos, de baixo para cima: plinto corrido com mancha mais ou menos uniforme de pigmento amarelo avermelhado (Cailleux N65, Munsell 7,5 YR 7/6), meandros em linha denteada envolvendo quadrados com elementos florais e uma banda bordada de limite com a zona média, decorada com elementos vegetalistas dentro de ovais formadas por par de sinusóides opostas e cruzadas. Todos os enquadramentos são efectuados por traços ou filetes, à excepção das ovais, onde se regista aqui e ali o adelgacimento para linhas de 0,1 cm. A julgar pela riqueza decorativa desta zona inferior, as zonas média, de que resta apenas a sugestão dos painéis, e superior, totalmente desaparecida, não lhe ficariam atrás.

No plinto, a faixa amarela que o constitui estende-se ao longo de todo o comprimento da parede com manchas esporádicas de um cromatismo mais denso dentro da mesma tonalidade. Na parte central da zona inferior, sobre fundo cinzento claro (Cailleux M73, Munsell 2,5 Y 7/0), o trajecto dos meandros é definido por um traço a branco com a espessura de 0,4 cm envolto por dois filetes a vermelho escuro (Cailleux T11, Munsell 10 R 3/3), com a espessura de 0,8 cm. Os quadrados, com 15 cm de lado, são inscritos no interior dos meandros também com traços de cor branca, igualmente com 0,4 cm de espessura, e com ligação a estes nos cantos por pontos na diagonal, da mesma cor. O interior dos quadrados, por sua vez, é alternadamente decorado com rosetas de quatro pétalas e tetrafólios de folhas trífidas lanceoladas, de grande estilização, os dois motivos apresentando um ponto ou pequeno círculo central.

A banda bordada de limite de zona, com 9,5 cm de espessura, apresenta, sobre fundo pintado uniformemente a vermelho escuro, uma decoração de dois traços brancos de 0,2 cm, por vezes reduzidos a linhas de 0,1 cm, desenhando par de sinusóides cruzadas e opostas, como que formando ovais irregulares inclinadas e tangentes entre si. No cruzamento destas sinusóides surgem, mais ou menos verticais, e como elementos separadores, linhas brancas

³⁶ D. Soren, *The Forum Area*, *op. cit.*, in W. Biers *et alii*, *op. cit.*, in *Muse* (Missouri-Columbia) 16 (1982) 36, fig. 1.

com comprimento igual à espessura da faixa, com abertura superior em tridente, que lembram caules ou outros elementos de carácter vegetalista. Dentro dos espaços ovalados criados pelas sinusóides, observam-se pontos dispostos em roseta, em geral em número de oito, com outro ponto ou pequeno círculo no centro, igualmente de cor branca.

PAREDE NORTE

A parede maior, do lado Norte, mantém pigmentos em toda a sua extensão, revelando basicamente o mesmo léxico pictórico, com as seguintes excepções: o plinto apresenta, no seu extremo direito, a incisão de dois círculos gravados, como que em sinópia prévia, no estuque quando ainda estava fresco. Uma vez que não tiveram continuidade na pintura e se encontram descontextualizados, a sua existência parece dever-se ao facto de que ali o *faber tectorius* ou o *faber pictor* ensaiaram o compasso para a marcação prévia dos círculos onde se inscreviam os florões dos centros dos quadrados nesta parede.

No que respeita à decoração dos quadrados dentro de meandros, as diferenças em relação à parede Oeste são as seguintes: desaparece a alternância entre rosetas e quadrifólios lanceolados, que são substituídos por florões de seis pétalas que ainda se vêem decorar os centros dos quatro primeiros quadrados a contar da esquerda e que, pelos indícios de pigmento, decorariam os restantes. O quinto quadrado apresenta uma decoração de quatro semicírculos secantes entre si sobre uma linha horizontal, um motivo registado por L. Abad Casal como corrente dos sécs. II ao IV³⁷. Quase todos os restantes apresentam, gravados no estuque, os círculos centrais, a maior parte já sem qualquer pigmento indicativo dos florões. No desenho que publicamos registam-se os círculos visíveis. A faixa separadora mostra o seu pigmento bastante esbatido, mas ainda com suficientes marcas que permitem a identificação dos seus pormenores decorativos dentro de par de sinusóides, como na parede do lado Oeste.

Ressalta a existência de três painéis ortostáticos na zona média, também com fundo amarelo avermelhado e com enquadramentos exteriores e interiores definidos por traços e filetes brancos, assim como a sua separação por faixas verticais vermelhas escuras de 9,5 cm, sem qualquer tipo de decoração. Também não é possível, infelizmente, dado o grau de destruição da parede e seu revestimento, conhecer a altura destes painéis.

Mais uma vez notamos paralelos para esta semântica decorativa na Lusitânia e não só. A decoração com meandros e quadrados em perspectiva surge-nos já na segunda fase do segundo estilo pompeiano, nos anos 40-30 a. C., na Casa do Criptopórtico³⁸ e, cerca de um século depois, nas *fauces* da Casa do Urso³⁹, em Pompeia. Também nos meados do séc. I d.C., a Sala b da Casa de Neptuno, da mesma cidade, mostra cercaduras bordadas com miniquadrados envolvendo rosetas⁴⁰, assim como numa casa de Badalona, perto de Barcelona⁴¹, da segunda metade do séc. I d. C., criando uma linguagem que haveria de marcar os séculos seguintes da pintura romana em todo o Império, como constatamos em Miróbriga.

³⁷ L. Abad Casal, *op. cit.*, I, p. 400.

³⁸ R. Ling, *op. cit.*, p. 33, fig. 30

³⁹ Idem, p. 205, fig. 224.

⁴⁰ Idem, p. 74, fig. 74.

⁴¹ L. Abad Casal, *op. cit.*, I, p. 295, II, fig. 422.

Mais tardiamente, vemos quadrados dentro de meandros também nas Catacumbas dos Santos Marcelino e Pedro, em Roma⁴². O recurso aos pontos na diagonal para ligar as zonas angulares reporta, em Miróbriga, para um contexto cronológico intermédio. A interação com *Emmerita Augusta* e Tróia de Setúbal, onde os pontos na diagonal surgem associados a zonas angulares em pinturas com proposta de cronologia nos meados ou finais do séc. II d. C.⁴³ Outro elemento importante para esta percepção no espaço e no tempo é a representação alternada do motivo dos tetrafólios de folhas trífidas lanceoladas. Com efeito, este motivo surge, com singular proximidade iconográfica, em pavimentos de *opus tessellatum* de Faro, no chamado Mosaico do Oceano⁴⁴, e em Conímbriga, no contexto do Mosaico do Sileno, na Casa dos Repuxos⁴⁵. Ora as cronologias propostas para estes mosaicos são os finais do séc. II, princípios do séc. III d.C. Por sua vez, o par de sinusóides cruzadas e opostas envolvendo pontos dispostos em roseta da faixa decorada separadora da zona inferior encontra também paralelos que vão até à Antiguidade Tardia: vêmo-las, por exemplo, já nos meados do séc. I d.C., numa cercadura envolvente do retrato de Sócrates, pintado na chamada Sala das Musas de Éfeso (Éfeso H 2/7 e 14 a)⁴⁶. A decoração com rosetas de oito pontos surge igualmente em Tróia de Setúbal, preenchendo os espaços deixados livres por um friso de sólidos ou consolas na *aula/basilica* local, com leitura proposta para os finais do séc. IV ou inícios do séc. V d.C.⁴⁷, revelando-se assim também como motivos que acompanham todos os períodos do Império.

CONCLUSÃO

Não nos sendo possível, até ao momento, estudar a pintura da Sala n.º 7, que aguarda exposição no Museu de Santiago do Cacém, assim como outras que, *in situ*, ainda se conservam protegidas com terra na *taberna/stabulum*, cremos que foi mesmo assim útil este exercício académico.

Praticamente, vinte anos se passaram desde os estudos efectuados e publicados conforme fizemos referência. Com um tipo de abordagem diferente e um processo de levantamento baseado no uso do papel vegetal em toda a extensão de cada parede pigmentada, onde se indica uma escala referida a uma quadrícula vertical de um metro de lado, com posterior redução à escala por método fotográfico, cremos ter chegado a conclusões não contraditórias com os estudos anteriores mas complementares e enriquecedoras para a compreensão do todo pintado, numa perspectiva de História da Arte. Procuramos aplicar a leitura terminológica proposta pelo *Centre d'Étude des Peintures Murales Romaines*⁴⁸, com recurso também a

⁴² J. G. Deckers, H. R. Seeliger, G. Mietke, *La catacomba dei Santi Marcellino e Pietro*, *Repertorio delle Pitture*, Città del Vaticano/Münster, 1987, p. 387, 35, orn. 27.

⁴³ M. Justino Maciel, *op. cit.*, pp. 236-237.

⁴⁴ J. Lancha, *La Mosaïque d'Océan découverte à Faro (Algarve)*, in *Conimbriga* (Coimbra) 24 (1985) 57 e fig. 2.

⁴⁵ J. M. Bairrão Oleiro, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, I, Conimbriga, Casa dos Repuxos*, Conímbriga, 1992, pp. 98 e 101, Est. 36. Bairrão Oleiro cita também um outro paralelo, datado do séc. II, na Casa del Mitreo, em Mérida (*Corpus de Mosaicos Romanos de España, I, Mosaicos Romanos de Merida*, Madrid, CSIC, 1978, pp. 39-40, n.º 21, ests. 44 b e 45 a),

⁴⁶ R. Ling, *op. cit.*, pl. XVD.

⁴⁷ M. Justino Maciel, *op. cit.*, pp. 241 e 244, fig. 76.

⁴⁸ A. Barbet, *Pour un langage commun de la peinture murale romaine. Essai de terminologie. Étude théorique des peintures*, Bulletin de Liaison n.º 7, Paris, C.N.R.S., 1984.

outras propostas lexicais no domínio do mosaico⁴⁹ e da arquitectura⁵⁰.

Pensamos que se deverão diversificar e prolongar mais no tempo as diferentes fases de revestimento pictural dos edifícios (re)valorizados com o urbanismo flaviano de Miróbriga. Parece-nos, como sublinhámos, que a segunda metade ou finais do século II d. C. nos parecem o tempo ponderado para a linguagem, em Miróbriga, da dupla representação das *crustae* marmóreas e dos *opera sectilia*, assim como de motivos vegetalistas como o dos tetrafólios lanceolados ou trífidos. Pareceu-nos também haver revestimentos mais tardios no *frigidarium* dos *balnea* de Este, dentro da tipologia tetrárquica da imitação dos venados mármóreos nas fiadas dos plintos. Todavia, neste local encontramos praticamente, hoje, limitados à observação da decoração do plinto. Há, de qualquer modo, uma grande unidade no discurso pictórico mirobrigense, hoje pouco visível mas constatável nos três locais estudados: o recurso aos painéis ortostáticos nas zonas médias, discurso que, ajudando a compreensão da totalidade, poderá ajudar a continuar a reflectir sobre as questões cronológicas e ponderar a sua calibração.

Apesar de só se terem descoberto até ao momento indícios de revestimentos anteriores sob camadas de estuque pintado em fragmentos de estuque provenientes de espaços a Sudoeste do que D. Fernando de Almeida classificou de *edifício semicircular da acrópole*⁵¹, é possível que reconstruções ou reformulações urbanas pontuais tenham justificado noutros pontos de Miróbriga pinturas *ex nouo* em épocas relativamente tardias. Até porque a calibração da tipologia pictórica no âmbito dos quatro estilos pompeianos terá de ser meramente um referencial para a compreensão do carácter evolutivo das formas que, ora são repetitivas, ora são inovadoras, seja no contexto itálico, seja no contexto provincial e na interacção entre os dois. Por outro lado, como se verifica no complexo de casas a Oeste, há continuidade urbana até à Antiguidade Tardia, sendo os estuques manufacturados pelos *fabri albarii* e *tectores* com a qualidade necessária para a sobrevivência dos revestimentos e das cores em longa duração⁵², como aliás já recomendava Vitruvius⁵³.

As pinturas romanas de Miróbriga revelam-se-nos como um exemplo de aplicação dos modelos itálicos, em que a referência pompeiana é também fundamental, se bem que diluída no tempo sequencial, interagindo também com os centros artísticos e práticas decorativas provinciais. A aproximação a exemplos de *Emmerita Augusta* e de Tróia de Setúbal, a que se poderão acrescentar outros em desenvolvimento deste estudo, permite perceber a inserção dos *artifices* que trabalharam em Miróbriga no léxico pictórico que correntemente se aplicava na Lusitânia nas zonas inferiores das paredes e mesmo nas zonas médias. Por outro lado, o levantamento destes pequenos vestígios e novas reflexões sobre eles ajudam a perspectivar a importância da recolha e registo de dados que permitam alargar a nossa visão sobre as tipologias decorativas romanas a nível da pintura parietal a fresco no nosso território.

⁴⁹ C. Balmelle et alii, *Le décor géométrique de la mosaïque romaine. Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*, Paris, 1985.

M. Blanchard et alii, Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique, *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Étude de la Mosaïque Antique*, 4e. fasc. (Mai), Paris, 1973.

⁵⁰ R. Ginouvès e R. Martin, *Dictionnaire Méthodique de l'Architecture Grecque et Romaine*, I, Roma, 1985.

⁵¹ D. Fernando de Almeida, *op. cit.*, p. 61.

⁵² M. Justino Maciel, Revestimentos e Cores segundo o "De Architectura" de Vitruvius, in *Trabalhos de Antropologia e Etimologia* (Porto) 41/1-2 (2001) 225-228.

⁵³ *De Architectura*, VII, II, 1-2.

BIBLIOGRAFIA

- L. ABAD CASAL (1982), *Pintura romana en España*, I, Sevilla.
- JORGE DE ALARCÃO (1988), *Roman Portugal*, II, 3, Warminster.
- D. FERNANDO DE ALMEIDA (1964), *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, Junta Distrital.
- C. BALMELLE *et alii*, *Le décor géométrique de la mosaïque romaine. Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*, Paris, 1985.
- M. FILOMENA BARATA (1997), *Miróbriga: Urbanismo e Arquitectura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Policopiada, Porto.
- A. BARBET (1984), *Pour un langage commun de la peinture murale romaine. Essai de terminologie. Étude theorique des peintures*, Bulletin de Liaison n° 7, Paris, C.N.R.S.
- WILLIAM BIERS *et alii* (1981), Investigations at Mirobriga, Portugal, in 1981, in *Muse* (Missouri-Columbia) 15, 30-38.
- WILLIAM BIERS *et alii* (1982), Excavations at Mirobriga, The 1982 Season, in *Muse* (Missouri-Columbia) 16, 29-43.
- WILLIAM BIERS *et alii* (1983), Mirobriga: The 1983 Season, in *Muse* (Missouri-Columbia) 17, 38-63.
- WILLIAM BIERS *et alii* (1984), Mirobriga: A Portuguese-American Project in Southern Portugal, in *Muse* (Missouri-Columbia) 18, 35-53.
- WILLIAM BIERS (ed.) (1988), *Mirobriga: Investigations at an iron age and roman site in Southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981-1986*, BAR International Series, 451, Oxford.
- M. BLANCHARD *et alii* (1973), Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique, *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Étude de la Mosaïque Antique*, 4e. fasc. (Mai), Paris.
- A. CAILLEUX, *Notice sur le code des Couleurs des Sols*, Boubée, s/l, s/d.
- N. DAVEY & R. LING (1982), *Wall-painting in Roman Britain*, Gloucester.
- J.G. DECKERS, H.R. SEELIGER & G. MIETKE (1987), *La cataomba dei Santi Marcellino e Pietro, Repertorio delle Pitture*, Città del Vaticano/Münster.
- R. GINOUVÈS & R. MARTIN (1985), *Dictionnaire Méthodique de l'Architecture Grecque et Romaine*, I, Roma.
- R. LING (1991), *Roman Painting*, Cambridge.
- B. LIOU, M. ZUINGHEDAU & M.-TH. CAM (1995), *Vitruve, De L'Architecture, Livre VII*, Paris, Les Belles-Lettres.
- M. JUSTINO MACIEL (1996), *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.
- M. JUSTINO MACIEL (2001), Revestimentos e Cores segundo o "De Architectura" de Vitruvius, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Porto) 41/1-2, 225-228.
- MUNSELL (1973), *Soil colour charts*, Baltimore.
- J. M. BAIRRÃO OLEIRO (1992), *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, I, Conímbriga, Casa dos Repuxos*, Conímbriga.
- J. G. DA CRUZ E SILVA (1946), Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos Concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira, in *Arquivo de Beja* (Beja) 2 (Fasc. III e IV (Julho-Dezembro) 1945) 291-299 e 3 (Fasc. III e IV) Julho-Dezembro 336- 351.



Foto 1 – Pinturas de Miróbriga. Casa Oeste. Foto M^a. João Belchior.

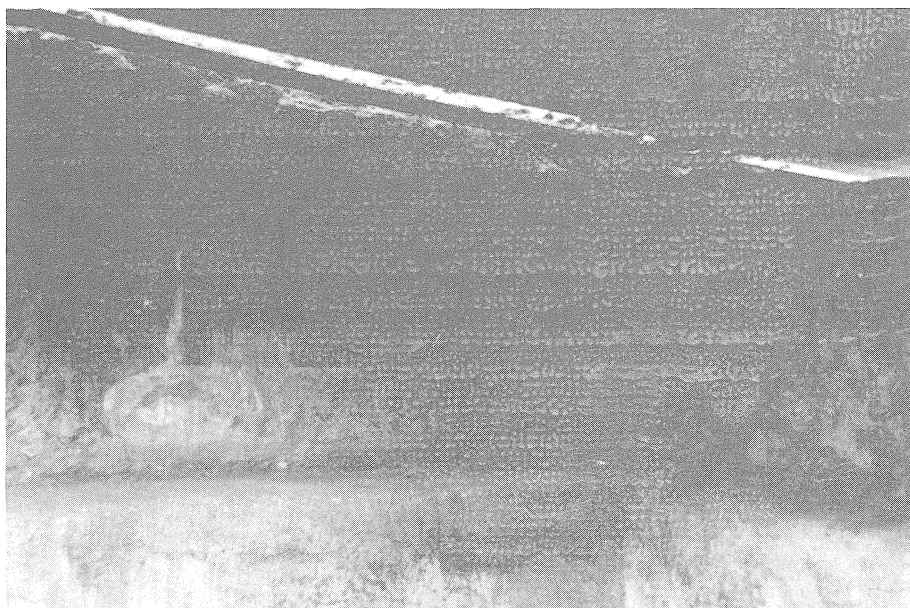


Foto 2 – Pinturas de Miróbriga. Termas Este. Foto de M^a. João Belchior.

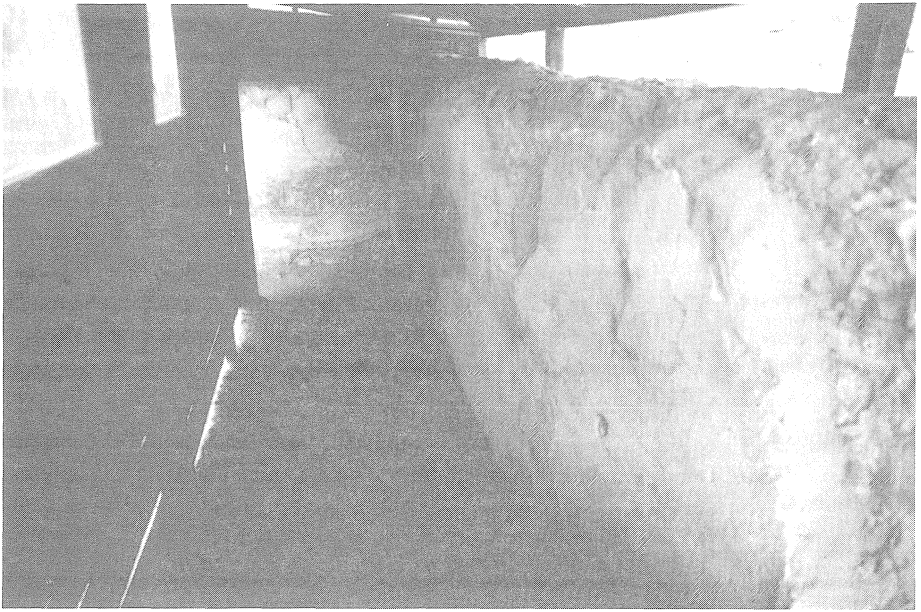


Foto 3 – Pinturas de Miróbriga. *Taberna/Stabulum*. Foto de M^a. João Belchior.



Foto 4 – Pinturas de Miróbriga. *Taberna/Stabulum*. Foto de M^a. João Belchior.

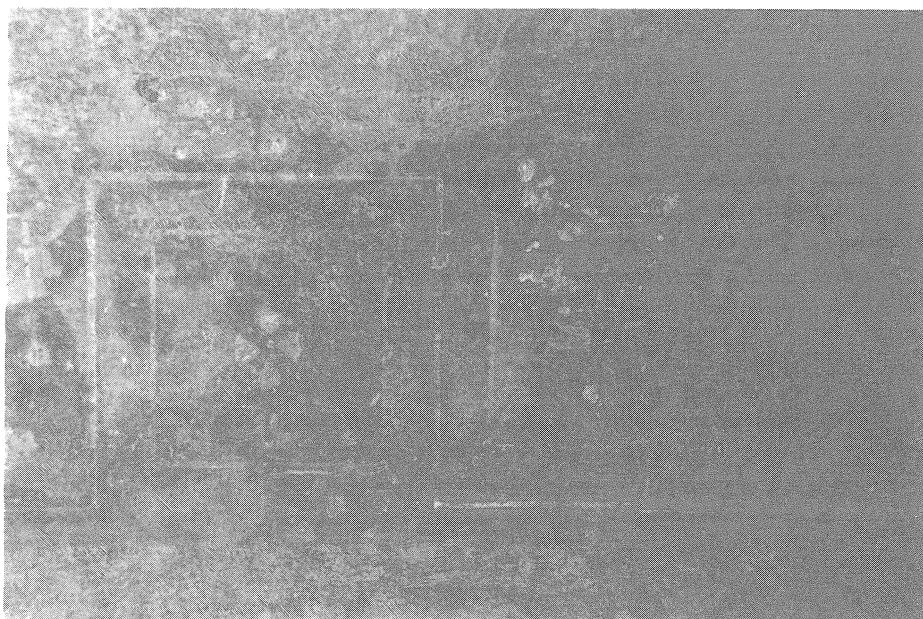


Foto 5 – Pinturas de Miróbriga. *Taberna/Stabulum*. Foto de M^a. João Belchior.



Foto 6 – Pinturas de Miróbriga. *Taberna/Stabulum*. Foto de M^a. João Belchior.

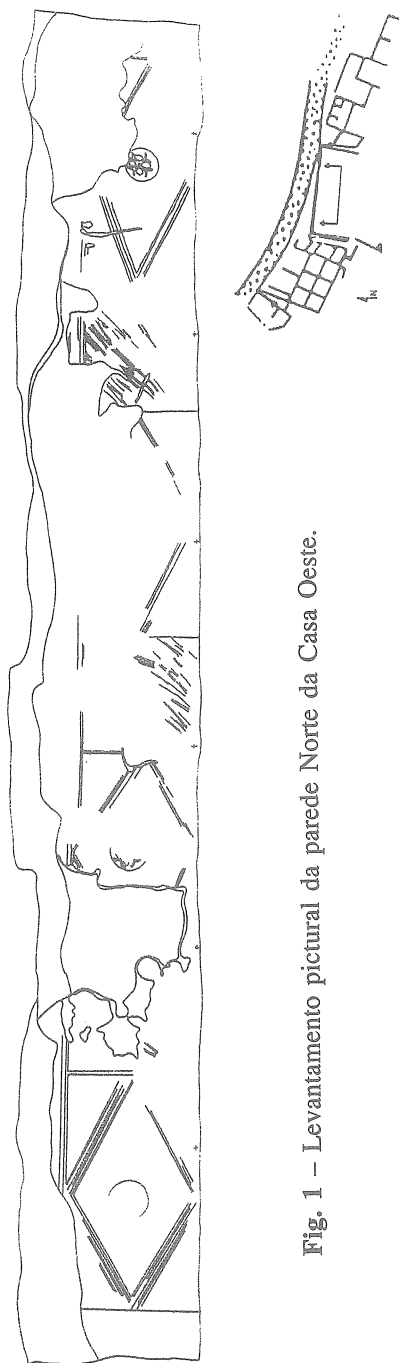


Fig. 1 – Levantamento pictural da parede Norte da Casa Oeste.

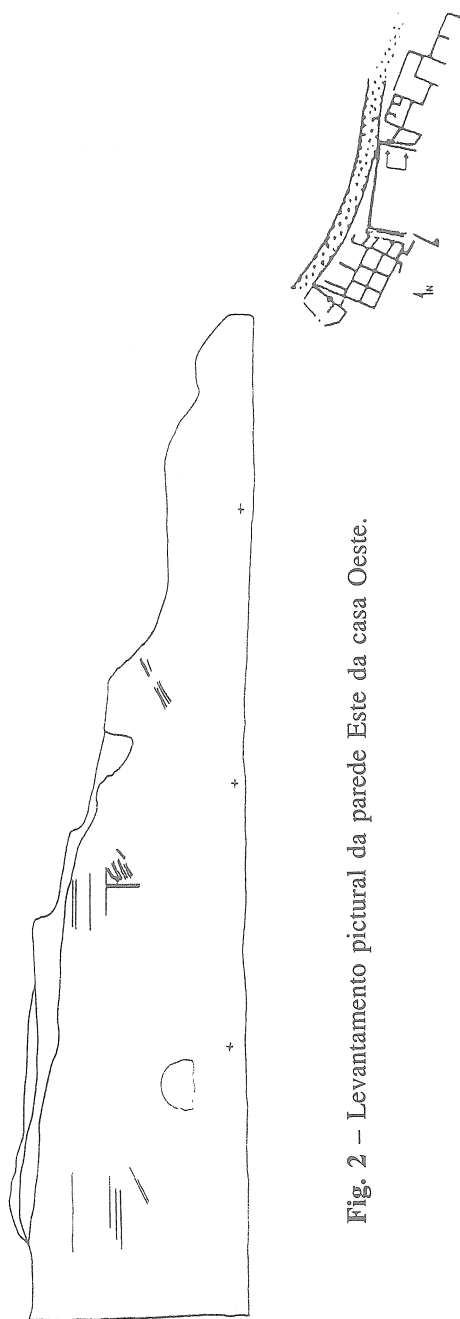


Fig. 2 – Levantamento pictural da parede Este da casa Oeste.

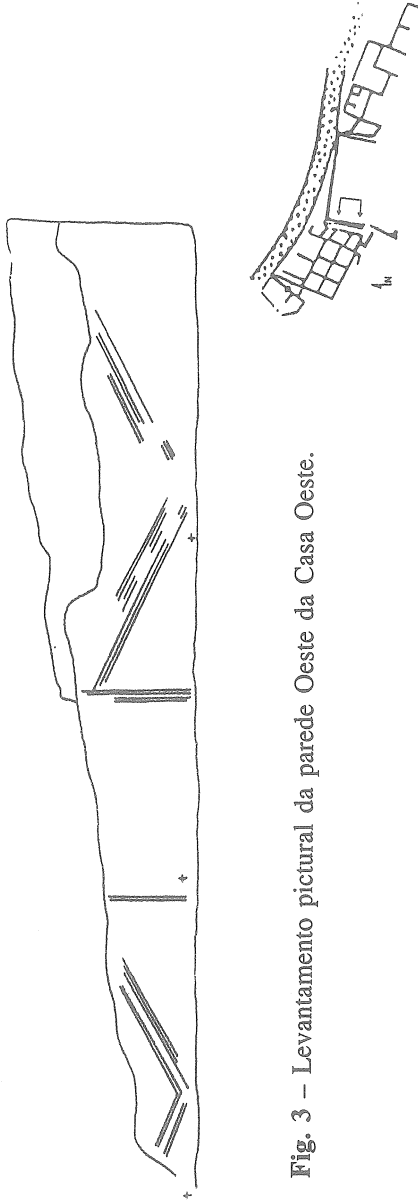


Fig. 3 – Levantamento pictural da parede Oeste da Casa Oeste.

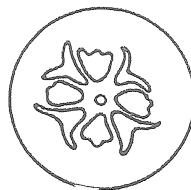
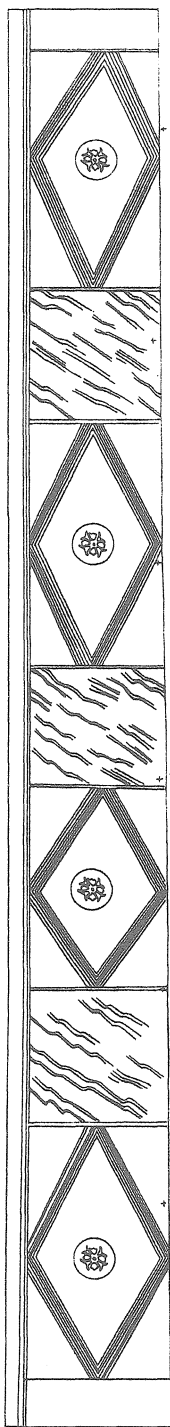


Fig. 4 – Proposta de reconstituição pictórica da Casa Oeste e pormenor de roseira.

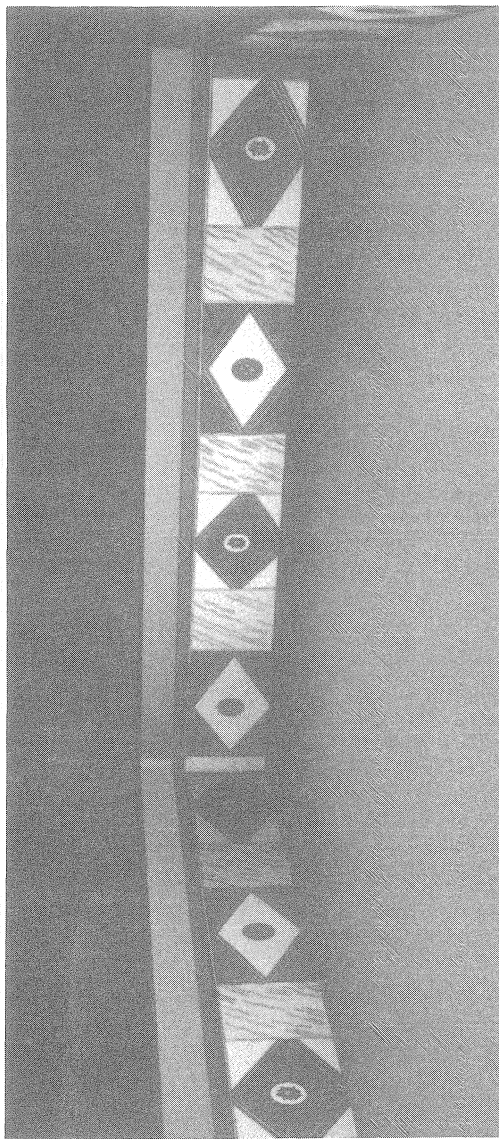


Fig. 5 – Proposta de reconstituição pictórica de conjunto da Casa Oeste.

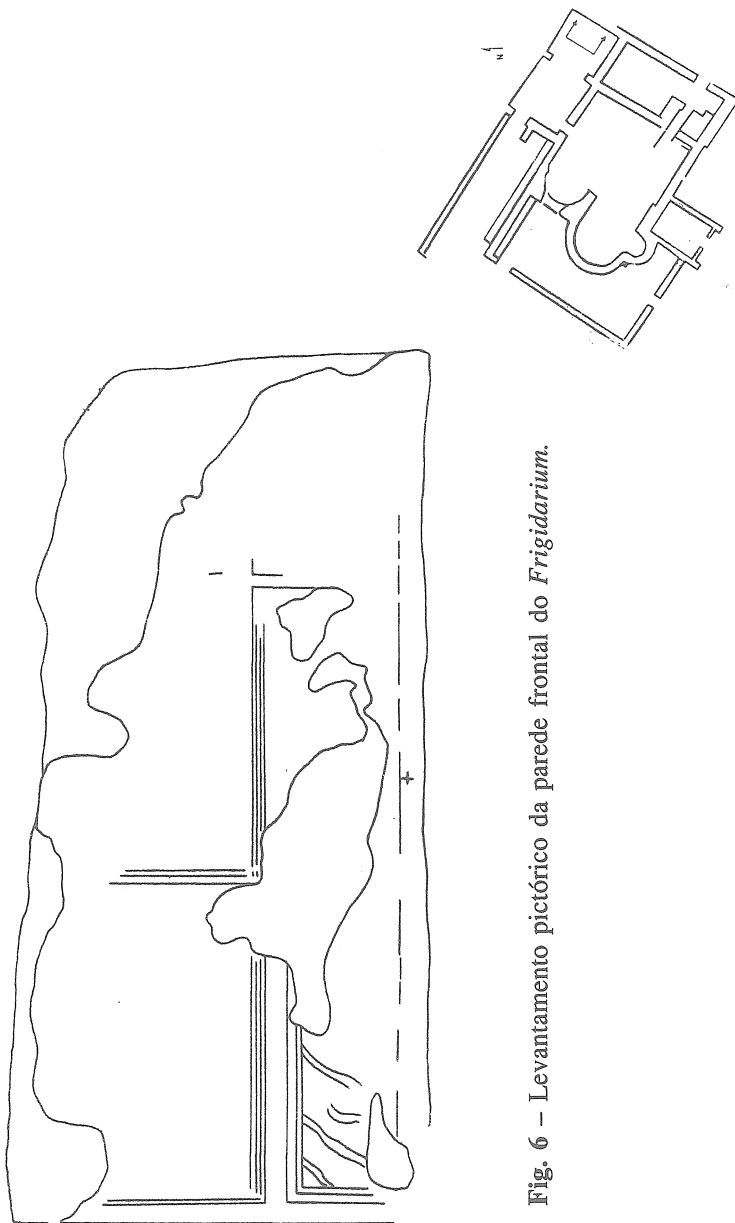


Fig. 6 – Levantamento pictórico da parede frontal do *Frigidarium*.

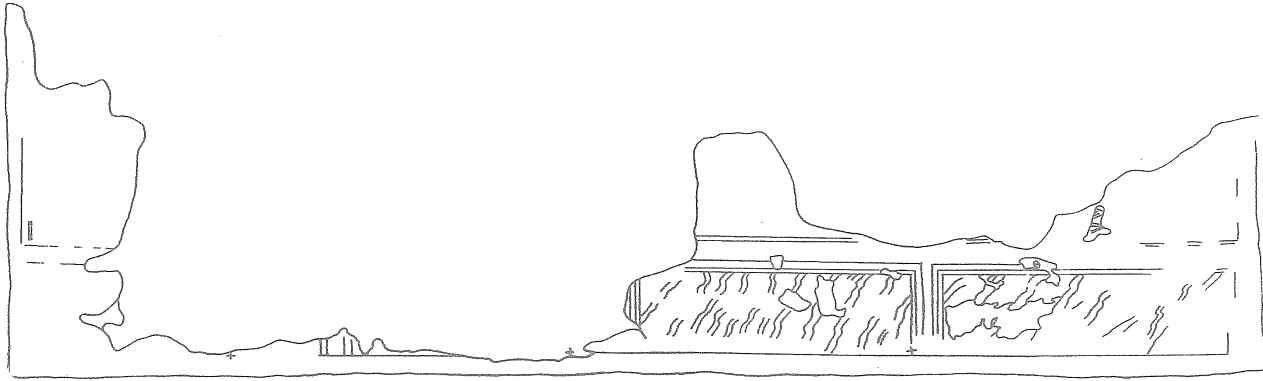
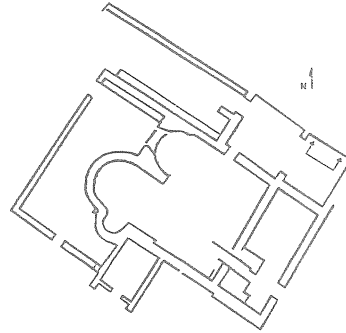


Fig. 7 – Levantamento pictórico da parede lateral do *Frigidarium*.



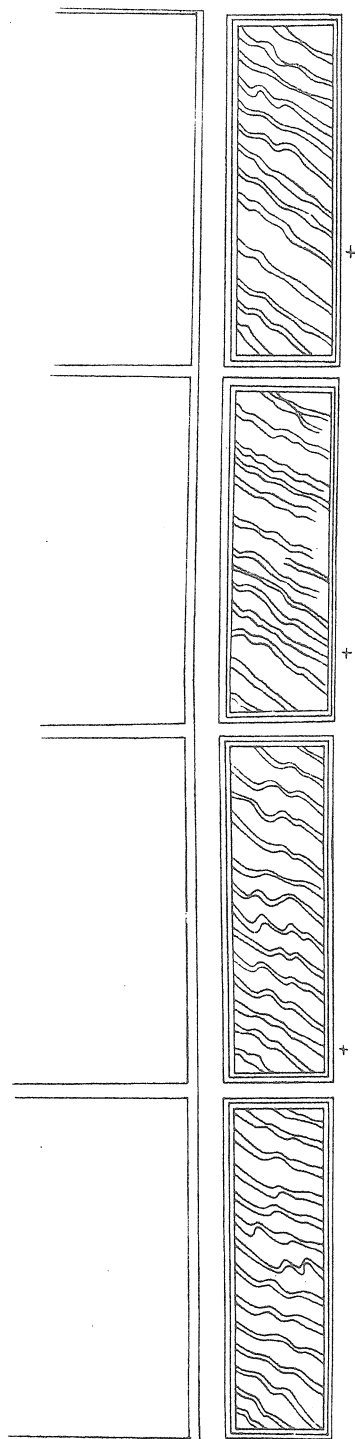


Fig. 8 – Proposta de reconstituição pictórica das paredes do *Frigidarium*.

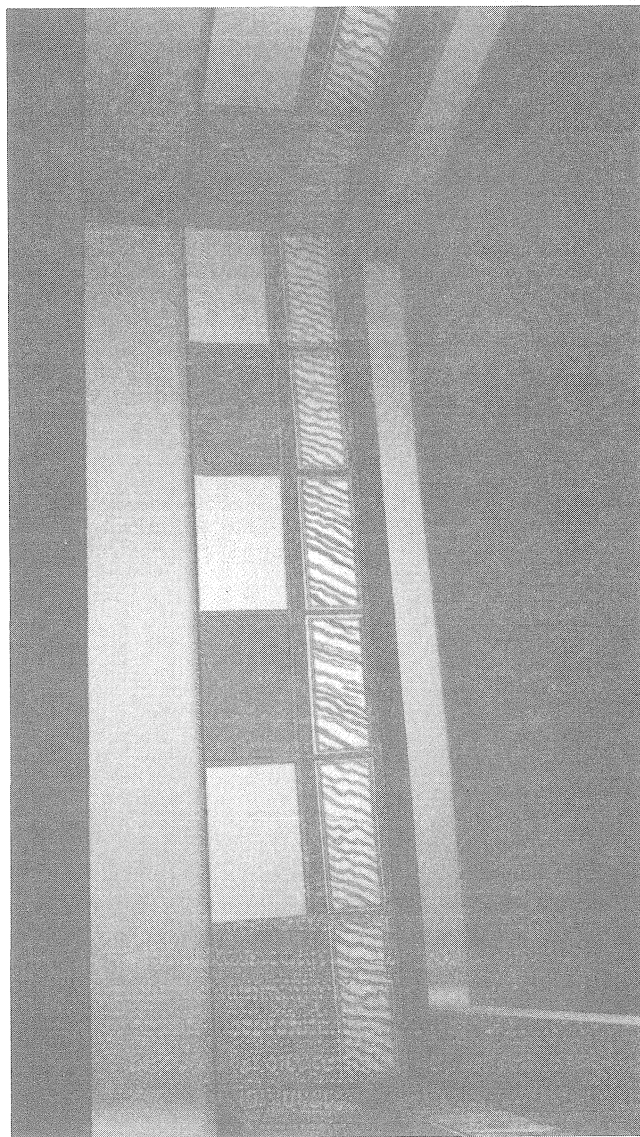


Fig. 9 – Proposta de reconstituição pictórica de conjunto do *Frigidarium*.

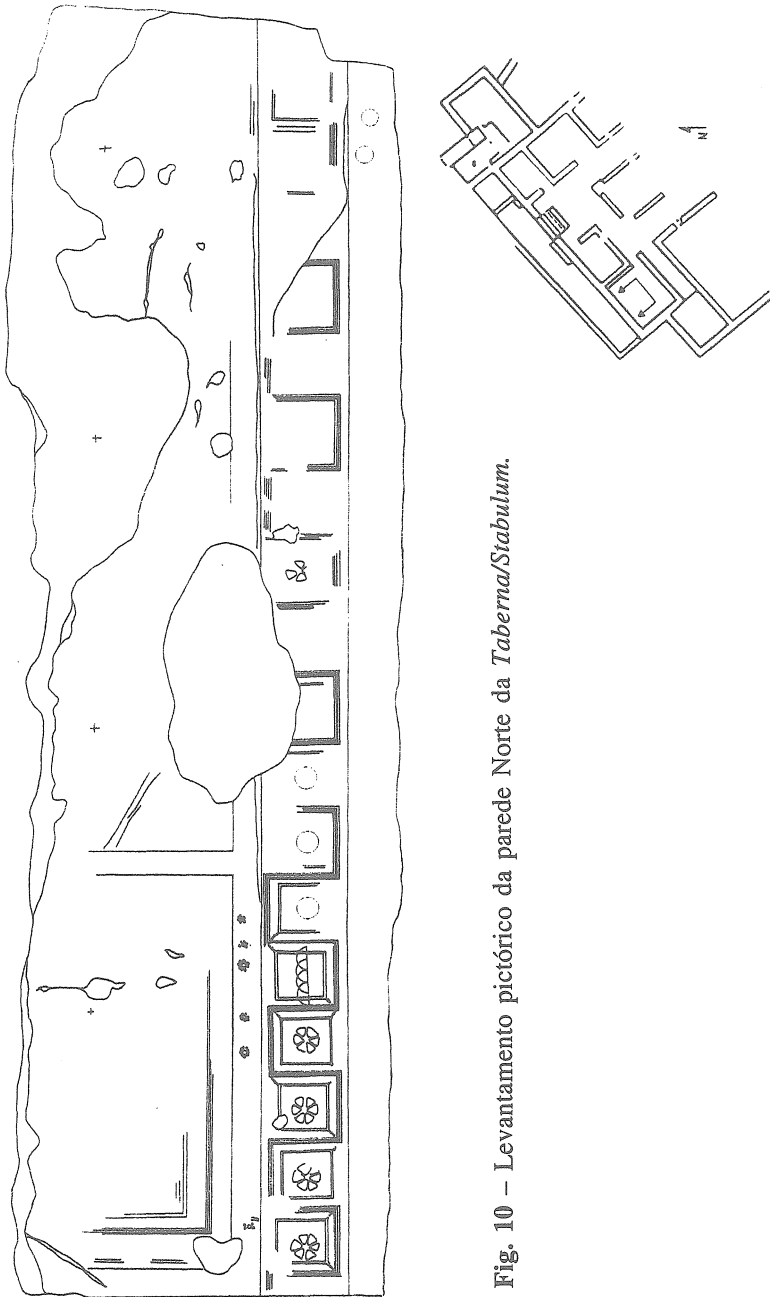


Fig. 10 – Levantamento pictórico da parede Norte da Taberna/Stabulum.

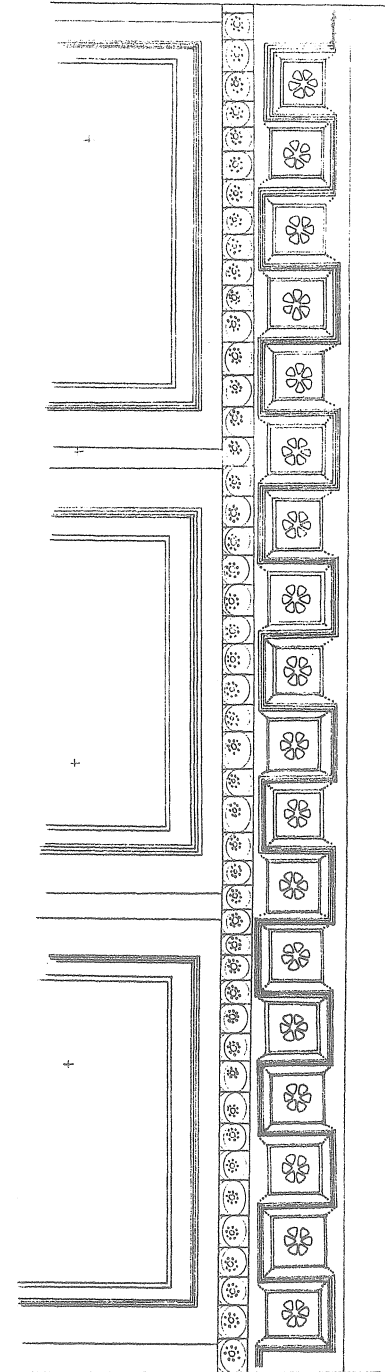


Fig. 11 – Proposta de reconstituição pictórica da parede Norte da *Taberna/Stabulum*.

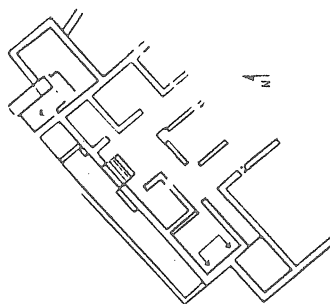
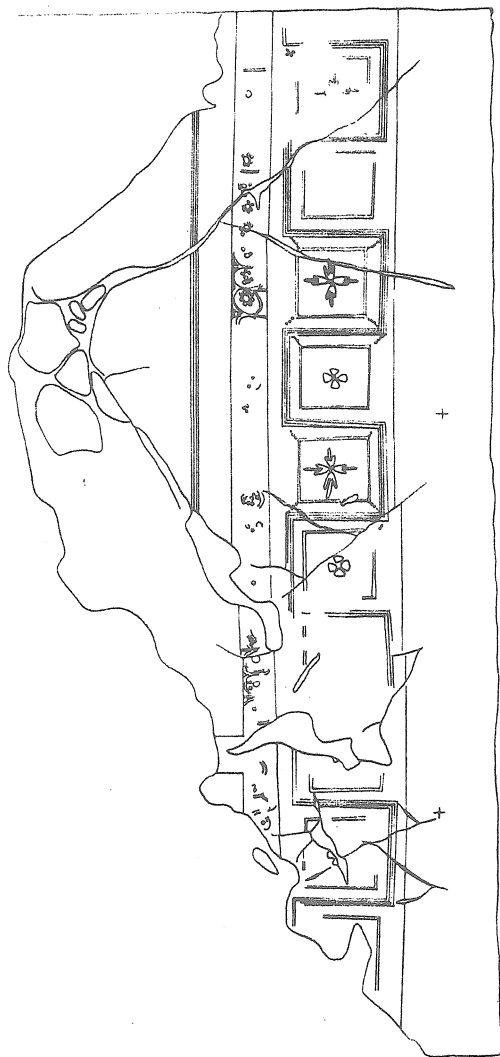


Fig. 12 -- Levantamento pictórico da parede Oeste da *Taberna/Stabulum*.

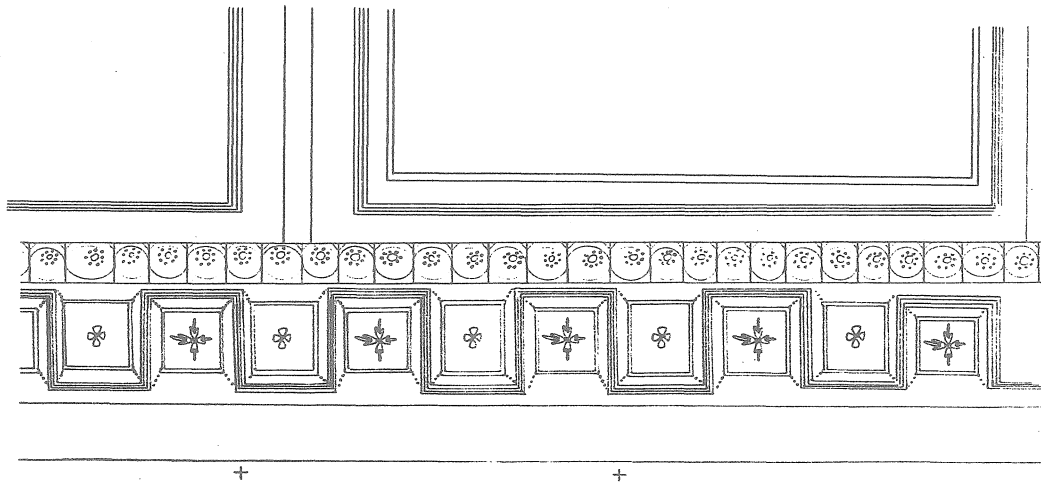


Fig. 13 – Proposta de reconstituição pictórica da parede Oeste da *Taberna/Stabulum*.



Fig. 14 – Proposta de reconstituição pictórica de conjunto da *Taberna/Stabulum*.